

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARQUIVOLOGIA

Ana Carolina Girardi Raimundo

**Os arquivos da moda:** o uso de bases de dados como instrumento de pesquisa no ateliê de Rui Spohr.

Porto Alegre  
2011

Ana Carolina Girardi Raimundo

**Os arquivos da moda:** o uso de bases de dados como instrumento de pesquisa no ateliê de Rui Spohr.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Arquivologia pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Me. Marlise Maria Giovanaz

Co-Orientador: Prof. Dr. Rafael Port da Rocha

Porto Alegre  
2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretor: Prof. Ricardo Schneiders da Silva

Vice-Diretora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Regina Helena van der Laan

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Maria Mielniczuk de Moura

Chefe Substituta: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sônia Elisa Caregnato

**CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

R153a Raimundo, Ana Carolina Girardi

**Os arquivos da moda : o uso de bases de dados como instrumento de pesquisa no ateliê de Rui Spohr / Ana Carolina Girardi Raimundo. 2011.**

**f. : il.**

Orientadora: Marlise Maria Giovanaz.

Coorientador: Rafael Port da Rocha.

Trabalho de conclusão (graduação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Curso de Arquivologia. Porto Alegre, 2011.

1. Base de dados. 2. Arquivística. 3. Moda. I. Giovanaz, Marlise Maria. II. Rocha, Rafael Port da. III. Título.

CDU: 930.25

Ana Carolina Girardi Raimundo

**Os arquivos da moda:** o uso de bases de dados como instrumento de pesquisa no ateliê de Rui Spohr.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção de do título de bacharel em Arquivologia pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**Aprovado em:** \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**Banca Examinadora**

---

Prof<sup>a</sup> Me. Marlise Maria Giovanaz  
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação – UFRGS  
(orientadora)

---

Arquivista Medianeira Goulart –  
Instituto de Artes - UFRGS.  
(examinadora)

---

Prof<sup>a</sup>. Me. Rita de Cássia Portela da Silva  
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação - UFRGS  
(examinadora)

Aos meus pais, Delcy Maria Girardi e  
Jorge Freitas Raimundo pelo apoio,  
paciência, e que me deram incentivos  
para a conclusão do curso.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar agradeço à Deus por ter abençoado a minha jornada nesses quatro anos de curso, me dando paciência e sabedoria em todos os momentos. Aos meus pais que me apoiaram e esperaram ansiosamente por esta realização em minha vida.

Aos meus avós que sempre desejaram a boa-aventurança em todos os sentidos da minha vida.

A todos os ex-chefes e colegas dos estágios que realizei nesse período de formação.

Aos meus colegas de turma de Arquivologia, pelos tantos momentos que passamos de alegria, ansiedade, companheirismo, problemas, e daqui pra frente compartilhando a profissão de Arquivista.

À minha professora orientadora Marlise, por todo o tempo dedicado, críticas, sugestões relevantes ao longo, não somente deste trabalho, como também para a minha trajetória acadêmica.

À Sra. Dóris e dona Gládis da loja Rui Spohr que me deram oportunidade de pesquisa para este Trabalho de Conclusão de Curso.

À Todos os meus parentes e amigos que me acompanharam e que em vários momentos tive que negar a minha presença em favor dos estudos.

“A Sofisticada Originalidade do Simples”  
(Rui Spohr)

## RESUMO

O estudo deste trabalho mostra a base de dados como instrumento de pesquisa para as fichas técnicas de moda no ateliê Rui Spohr. De que forma os meios tecnológicos e informáticos tem participado nos meios arquivísticos e como os arquivistas trabalham diante da quantia de informações que aumenta a cada dia. A Moda que serve não somente de uma tendência, mas como produtor de documentos que precisam ser tratados e como campo de atuação da Arquivologia. Rui Spohr, estilista gaúcho, com mais de cinquenta anos de experiência consagrado pela identidade da marca e pioneirismo em sua formação. A escolha do Dublin Core como esquema de metadados, adaptado às necessidades das fichas técnicas de moda. A formação dos novos profissionais da Ciência da Informação.

**Palavras-chave:** Bases de Dados. Arquivologia. Rui Spohr. Moda. Metadados.

## **ABSTRACT**

The study of this work shows the database as a research tool for the datasheets in the studio fashion Rui Spohr. How the media and computer technology has participated in the media archives and archivists to work on the amount of information that increases every day. The Fashion that serves not only a trend but as a producer of documents that need to be treated and how the playing field Archival. Rui Spohr, gaucho fashion designer, with over fifty years of experience laid down by the brand identity and pioneering in its formation. The choice of how Dublin Core metadata schema, adapted to the needs of datasheets fashion. The training of new professionals in Information Science.

**Keywords:** Databases. Archival. Rui Spohr. Fashion. Metadata.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
1.1 OBJETIVOS .....	12
1.1.1 Objetivo Geral .....	12
1.1.2 Objetivos específicos.....	12
1.2 JUSTIFICATIVA .....	13
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	<b>16</b>
2.1 BASES DE DADOS.....	16
2.2 ARQUIVOLOGIA.....	18
<b>3 RUI SPOHR</b> .....	<b>22</b>
3.1 MODA E IDENTIDADE.....	22
3.2 MODA E IDENTIDADE NO RIO GRANDE DO SUL .....	23
3.3 RUI SPOHR .....	25
3.4 ACERVO TÉCNICO RUI SPOHR .....	30
<b>4 ESQUEMA DE METADADOS PARA AS FICHAS TÉCNICAS</b> .....	<b>31</b>
4.1 FICHAS TÉCNICAS .....	39
4.2 FICHAS TÉCNICAS DO ATELIÊ RUI SPOHR.....	42
4.3 APLICAÇÃO DO ESQUEMA DE METADADOS .....	43
<b>5 CONCLUSÃO</b> .....	<b>46</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>48</b>
<b>OBRAS CONSULTADAS</b> .....	<b>50</b>
<b>ANEXO A – FICHA TÉCNICA</b> .....	<b>51</b>
<b>ANEXO B – FICHA TÉCNICA ROUPA FEMININA</b> .....	<b>53</b>
<b>ANEXO C – FICHA TÉCNICA JULIANA RODRIGUES</b> .....	<b>54</b>
<b>APÊNDICE - QUADRO DEMONSTRATIVO DE DUBLIN CORE</b> .....	<b>56</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Desde o surgimento da escrita, o ser humano registra suas atividades criando consciente ou inconscientemente um documento não somente com intenção de transmitir, mas de armazenar dados e informações. Assim é o arquivamento da documentação, uma atividade resultante do conhecimento humano e dos acontecimentos no decorrer dos séculos, movidos pela burocracia, relações sociais, atos de legalidade e outras decorrências que geram produção documental.

O arquivo é um local criado para ser repositório do acúmulo produtivo do intelecto humano, registrado sobre um suporte físico, que pode servir como prova e testemunho da existência das atividades e produção de uma instituição. Sendo a função de um arquivo guardar a documentação e, principalmente, fornecer aos interessados as informações contidas em seu acervo de forma rápida e eficiente.

Com a evolução e desenvolvimento dos meios arquivísticos em meio ao século XX, não há resultados compensadores quando se aplica uma política de tratamento arquivístico a um conjunto documental utilizando-se apenas das metodologias de guarda de acervos documentais. Os documentos bem organizados, fisicamente distribuídos, por si só, não são mais o suficiente, é preciso estar atento às novas tendências de produção documental também em meio digital. A informação é peça fundamental no desenvolvimento do profissional das Ciências da Informação. O conhecimento de seu fluxo, a percepção do ambiente informacional, o saber manusear e uso dos recursos tecnológicos favorecem o acesso, o tratamento, a recuperação e o uso das informações facilitando a geração de novos conhecimentos. Dessa forma a presença da tecnologia no cotidiano das pessoas, participa formando opinião, criando necessidades e determinando comportamentos, o que torna a atuação do profissional extremamente importante no processo de formação e direcionamento no uso das informações nos mais diversos suportes.

Os meios tecnológicos e informáticos tem participado cada vez mais dos meios arquivísticos, diante da quantia de informações circulantes que aumenta a cada dia. Sendo necessário tratar os dados, armazenar, atribuir valor ao processo

dos meios de recuperação da informação uma forma de promover a interface entre a Ciência da Informação e a Terminologia.

Esta interface pode ser aplicada em um sistema de informação, que será tratado nesta pesquisa, que são as chamadas bases de dados. Este sistema de informação, que sintetiza o funcionamento da base de dados, é uma forma de processamento e disponibilização dos dados e terminologias. Surgem justamente da necessidade de se obter informações com mais rapidez, mais qualidade, mais eficácia e de forma selecionada.

As mudanças na tecnologia da informação ocorridas durante os últimos anos reorganizaram a maior parte das atividades associadas à Ciência da Informação, inclusive seus parâmetros teóricos e conceituais. Aqueles que convivem mais de perto com essas alterações, como os profissionais da informação, enfrentam com maior carga as conseqüências sociais e físicas dessa transação cada vez maior para o mundo tecnológico.

As fichas técnicas, que são o principal meio de especificação de um produto têxtil, têm informações importantes sobre os materiais e medidas usadas no processo de fabricação das peças. Em meio a diversos dados e informações sobre as peças que se busca registro dessa produção tendo meios para acessá-los não somente em cartões de registro, que pelo manuseio constante podem se deteriorar, mas em meio que facilite a pesquisa e armazenamento rápido e eficiente desse documento.

Nesta pesquisa será analisado como as bases de dados podem ser referência para as fichas técnicas de moda. Desenvolvendo este trabalho no ateliê Rui Spohr, será uma importante ferramenta de pesquisa e melhor armazenamento do que foi e tem sido produzido em fichas técnicas da linha festa e pret-à -porter dessa forma atendendo os usuários desse segmento.

As tecnologias são instrumentos de infinitas possibilidades, que precisam ser explorados na formação do profissional da informação de maneira a gerar condições de uso estratégico, permitindo novos processos de análise, organização, armazenamento, recuperação e disseminação da informação, favorecendo o armazenamento e a manipulação simultânea em vários locais, sem limite de tempo.

Assim, o uso adequado e estudado das tecnologias de informação faz-se de modo a destacar a função de “cientista” da informação como socializadores do conhecimento.

Dessa forma com o intuito de relacionar o arquivo de fichas técnicas produzido no ateliê do estilista Rui Spohr unindo com as teorias e métodos da Arquivologia o sistema de bases de dados, este trabalho se propõe a responder algumas questões como: De que forma uma base de dados pode auxiliar na gestão de fichas técnicas de moda? As bases de dados são eficientes para o arquivamento deste tipo documental? As pesquisas ao acervo terão melhor aproveitamento com a base de dados?

## 1.1 OBJETIVOS

Para tentar resolver a problemática deste trabalho, segue o objetivo geral e os específicos.

### 1.1.1 Objetivo Geral

O trabalho tem como objetivo principal analisar como as bases de dados aplicadas em fichas técnicas auxiliam para busca de informações específicas nas pesquisas de grandes e pequenos acervos. Sendo assim estabelece-se o objetivo deste trabalho na proposição de uso de um modelo de metadados para assim formar uma base de dados para as fichas técnicas das roupas criadas na loja Rui Spohr.

### 1.1.2 Objetivos específicos

A fim de chegar ao objetivo geral, abaixo seguem os objetivos específicos:

- a) analisar a relação da Arquivologia com os meios informáticos;
- b) identificar a existência de aplicações em bases de dados para fichas técnicas na área da Moda e suas possibilidades;
- c) propor uma base de dados para as fichas técnicas das peças desenvolvidas na loja de Rui Spohr;

## 1.2 JUSTIFICATIVA

A Arquivologia participa do chamado campo das Ciências da Informação. Segundo Shera e Cleveland (1977, p. 265):

É a ciência que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que governam o fluxo da informação e os meios de processar a informação para ótima acessibilidade e uso. O processo inclui a origem, a disseminação, a coleta, a organização, o armazenamento, a recuperação, a interpretação e o uso da informação.

E essa informação não se distingue por “tipo” ela está aberta à informação e dados que deverão ser trabalhados.

Nesse contexto de informação que surgiu um primeiro pensamento sobre até onde se estendem os limites da informação, considerando também que tipo de informação deve conter um documento para ser considerado arquivístico.

A escolha pelo trabalho na área de conhecimento da Moda vem, primordialmente, por admiração pessoal da autora, em que busco sempre estar atualizada por ser uma área do conhecimento muito dinâmica, seguindo que se trata de um meio de comunicação que engloba o reflexo e a representação de um povo, cultura, história, política, literatura, música, enfim são tantas questões, que a moda pode ser associada direta ou indiretamente à identidade.

Quando na disciplina de Planejamento e Elaboração de Bases de Dados, foi realizado um trabalho sobre bases de dados com o tema de Moda, exemplificando os tipos de produtos e sortimento de peças que se multiplicam a cada ano pelo avanço da indústria têxtil e calçadista, e assim foi possível ter uma idéia dessas peças e tipos sendo “traduzidas” por metadados, que são dados sobre dados, mas também informações que auxiliam e têm valor para quem trabalha com elas, sendo para registro, como estudo de comparação de materiais, levantamento de gastos, estatísticas, enfim, é um instrumento que valoriza tanto o trabalho desenvolvido como a informação que é gerada.

Dessa forma, estreitando os laços com a Moda no Rio Grande do Sul, foi escolhido para o estudo o ateliê do estilista Rui Spohr, com mais de 50 anos de

trabalho nesse ramo, em sua loja onde funciona toda a preparação desde a criação das peças até a comercialização e contato com os clientes. E nesse processo há uma série de fichas técnicas em papel com informações de tudo o que foi utilizado no processo até chegar a uma ficha final acompanhando até um “pedaço de tecido” que constituiu a peça.

A escolha do ateliê de Rui Spohr para esta pesquisa por este ser o primeiro brasileiro a estudar moda em Paris, um pioneiro corajoso, pois mesmo sabendo que não tinha muitos recursos se aventurou, por amor, sim podemos dizer que foi por amor, pois não era um amor passionnal de homem e mulher, era o amor pelo que ele faz. Em cada página de sua biografia, percebe-se o amor que ele tem pela Moda e como ele acredita no que produz sendo acima de tudo um grande profissional.

O primeiro contato com o ateliê foi no semestre passado no mês de abril onde foi enviado um email solicitando uma visita e explicando o projeto de trabalho de graduação. Só foi possível a visita quase no fim do mês de maio, mas mesmo assim não se perdeu o entusiasmo. Esperavam uma aluna do curso de Moda que quisesse fazer outra entrevista ou pedir um autógrafo do Sr. Rui, mas lá chegou uma estudante de Arquivologia, com vontade de aprender um pouco mais sobre ateliês e fichas técnicas e querendo usar estas informações para seu trabalho de conclusão. Não tive uma recepção muito “aberta”, aonde eu ia sempre tinha alguém por perto, desconfiados de que eu fosse uma “espiã” da concorrência, mas deixei claro minhas intenções e ética a respeito de meu trabalho e que nenhuma das informações que pudesse comprometer o ateliê fossem divulgadas, dessa forma nem uma fotografia pude tirar no famoso ateliê em que até Ieda Maria Vargas já teve seu vestido de noiva confeccionado.

Como estudante de Arquivologia, observei nesse processo o que se chama de organicidade, ou seja, processo de construção do documento que se encaixa nos princípios arquivísticos, ou seja, relacionando as fichas técnicas como documentos arquivísticos, por isso a minha escolha para o trabalho com fichas técnicas de moda.

A Moda também tem seus documentos, as fichas técnicas são como processos judiciais para o Direito, as roupas têm seus “dossiês” que são as fichas

com informações que acompanham todo o processo de produção da roupa, quem produziu o que utilizou, quando, onde, sendo ou não julgados por muitas pessoas como efêmero, a Moda tem seu valor e merece lugar nesta pesquisa. Essas fichas que abrangem dados como nome da empresa, nome da coleção, tipos de materiais e aviamentos contemplam com diversas informações, que ao serem inseridas num sistema de gerenciamento como uma base de dados, auxilia valorizando a pesquisa e possibilitando o tratamento dessas informações sem que haja perda de arquivamento.

Como futura profissional arquivista, creio que temos que nos abrir a novos desafios e a outras áreas do conhecimento, assim como a novos suportes que nos são apresentados nos meios informáticos junto ao gerenciamento arquivístico de documentos eletrônicos, apresentando soluções e sugestões para um melhor aproveitamento e gestão da informação.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

Nesta seção é apresentado o referencial teórico que embasa este estudo.

### 2.1 BASES DE DADOS

Entre a Arquivologia e a Informática existem etapas e perspectivas históricas que permeiam entre essas disciplinas. A Arquivologia, até metade do século XX, estava vendo surgir novos suportes que até então não sabiam se podiam ser considerados como documento, como as fotografias, negativos e microfichas. E essa questão dos suportes ainda teria seu próximo impacto com as beiradas do surgimento e ascensão dos recursos informáticos.

Após a II Guerra Mundial, a tecnologia do computador saiu dos limites do uso militar e começou uma lenta expansão pelas instituições. Seguindo esta progressão, a segunda metade do século XX teve seu auge com o período de grande volume de informação produzido, exigindo meios cada vez mais sofisticados.

Na década de sessenta, as instituições que processavam a informação perceberam a necessidade de utilizar o recurso da informática para agilizar o acesso às informações. Essas instituições aliaram-se ao desenvolvimento da informática – na época em que se iniciava a democratização do uso dos microcomputadores nos Estados Unidos e Europa – e passaram a processar a informação de forma automatizada.

O tema “arquivologia e informática” foi abordado pela primeira vez pelo Congresso Internacional dos Arquivos , em 1964, e nessa ocasião os participantes demonstraram pouco interesse no assunto. Na verdade, naquela época a maioria dos arquivistas via o computador como um mero instrumento para fins estatísticos e fiscais. Houve muito conservadorismo ao longo dos anos, mas ao seguir com esse comportamento, o profissional só tem a perder, pois acaba se afastando e ignorando as fases tecnológicas e deixa de acompanhar as evoluções ao longo do tempo.

Com o avanço das telecomunicações e das tecnologias da informação, inicia-se a democratização do acesso à informação, mas é importante frisar que essa

democratização se dá uma vez que até os dias de hoje, a parcela de população que acessa esse tipo de sistema de informação é pequena. A esse novo formato de organização e disponibilização da informação dá-se o nome de bases de dados.

O surgimento , na década de sessenta, dos sistemas de informação on line que disponibilizavam informações em meio magnético, através de redes cooperativas, mais tarde, aliados a telecomunicação, tornam-se sistemas de informações eletrônicos. (VALENTIM, 2001, p. 68)

As bases de dados surgem primeiramente em suportes impressos, designados de: abstracts, index, bibliografias, diretórios, anuários, guias, cadastros, enfim, vários tipos de publicações que congregavam a informação de um mesmo tipo documental, para serem disseminadas a uma determinada clientela. A atualização era difícil e o custo muito alto, por causa dos custos do papel e da impressão; existia também a falta de padronização de formatos, e a disseminação restrita a públicos considerados de “elite”, ou seja, comunidades científicas ou industriais que tinham recursos para acessar a informação.

A seguir temos algumas definições de bases de dados por alguns autores: Rowley (1994, p. 66) define bases de dados como “Uma coleção de registros similares entre si e que contém determinadas relações entre esses registros.”. Grossmann (1994, p. 95) define bases de dados como “Qualquer coleção de informações agrupadas segundo um interesse comum e mantidas eletronicamente (em computadores).”. Continuando entre os conceitos de bases de dados, o que melhor define o que elas realmente representam e que levaram a ser objeto de estudo e aplicação nesse trabalho é a de Teixeira e Schiel (1997, p. 66) onde afirmam que são “Fontes de informação automatizadas que podem ser pesquisadas de diversos modos, e podem ser armazenadas em meios magnéticos ou ópticos e acessadas local ou remotamente.”.

Sendo assim, as bases de dados surgem justamente da necessidade de se obter informações com mais rapidez, qualidade, eficácia e de forma selecionada. A estrutura padronizada, congregando tipologias de bases de dados bem definidas, possibilita que sistemas de informações gerenciem uma grande quantidade de bases de diferentes tipos, e ao mesmo tempo, disponibiliza ao usuário um serviço de qualidade quanto ao acesso e quantidade de informações.

Até a década de 1970, o uso do computador era limitado aos especialistas, devido à necessidade do domínio de estruturas complexas de hardware e software. Eram tempos do CPD (Centro de Processamento de Dados), cujos profissionais atuavam completamente separados do resto da instituição, então as bases de dados já começavam a ser oferecidas eletronicamente. Já na década de 80 passam a ser oferecidas também no formato óptico (CD\_ROM) e, finalmente, se reformulam eletronicamente para serem disponibilizadas pela rede Internet.

As estruturas das bases de dados têm em comum duas importantes ferramentas para que esse sistema se desenvolva plenamente : O Modelo de Metadados, onde Metadados são dados sobre dados, ou seja, são dados associados a objetos que auxiliam seus potenciais usuários proporcionando conhecimentos sobre suas existências e características. E a Condensação da Informação, ou seja, a representação e a descrição dos dados que identificam o documento propriamente dito e a representação e descrição do conteúdo do documento através de descritores/palavras-chave e resumos: estes têm o objetivo de dar acesso à informação, recuperando-a de maneira eficaz. Um único modelo de dados dificilmente atenderá a todas as especificidades de diferentes tipos documentais, por isso existem diferentes modelos de metadados para atender os tipos de informações que se quer disponibilizar.

É importante que quanto mais completo o modelo de dados, maior será a completude de informações obtidas, dessa forma, será possível oferecer uma recuperação de informação com maior qualidade de resposta que satisfaça realmente às necessidades dos usuários. Nesse sentido, vale dizer que o usuário sempre tem um objetivo próprio de pesquisa e, nem sempre, necessita da totalidade de informações.

## 2.2 ARQUIVOLOGIA

Conforme os seres humanos desenvolviam a escrita e a comunicação, também foram registrando estas ações, assim “A história dos registros arquivísticos confunde-se com a história das civilizações pós-escrita.” (FONSECA, 2005, p. 30). Com a criação do Estado, documentos passaram a ser produzidos com o

desenvolvimento de atividades relacionadas ao poder, que dão origem aos primeiros depósitos de documentos.

Segundo Silva (1999 apud FONSECA, 2005, p. 31), foi no século XVI que as práticas de trabalho com os documentos começaram a se consolidar e disciplinar como rotina. Em virtude das chamadas *guerras diplomáticas*, no século XVII, surgiu a “[...] necessidade de se proceder a uma análise crítica dos documentos suspeitos de falsificação.” (RONDINELLI, 2005 ,p. 42), fato que deu origem à Diplomática e à Paleografia. A autora também coloca que a Arquivologia nasceu como uma extensão da Diplomática.

Assim, a Paleografia e a Diplomática,, ao tratarem, respectivamente, dos caracteres extrínsecos e intrínsecos do texto, caracterizam-se como disciplinas auxiliares da Arquivologia (BERWANGER; LEAL,2008).

O mesmo acontece com relação à Informática. Quando, na década de 1980, os computadores começaram a ser utilizados em larga escala, fato que também veio a influenciar o aumento na quantidade de documentos em suporte papel, os arquivistas não se interessaram pela automação chegando a rejeitar cartões perfurados e fitas magnéticas como documentos arquivísticos (RONDINELLI, 2005, p.25).

As discussões envolvendo a utilização de novas tecnologias já se encontram em nível bastante avançado e a Arquivologia já dispõe de trabalhos muito importantes sobre os documentos eletrônicos, sua produção, gerenciamento e preservação física. Ao integrar novos suportes e ferramentas de trabalho à sua dinâmica, a Arquivologia possibilita novas formas de construção e disseminação do conhecimento.

A Arquivologia é praticamente universal no tratamento da informação, sempre visando o seu objeto de tratamento que é o documento como unidade de registro de informações, caracterizado em sua forma de documento arquivístico como:

Informação registrada, independente da forma ou do suporte, produzida ou recebida no decorrer das atividades de uma instituição ou pessoa, dotada de organicidade, que possui elementos constitutivos suficientes para servir de prova dessas atividades (CASTRO; CASTRO; GASPARIN, 2007. p.70)

É importante esse novo foco sobre os arquivos com visão para a gestão dos meios tecnológicos, pois será destaque no futuro e campos de trabalho da ciência arquivística.

A Arquivologia está em meio a um processo considerando as mudanças de suportes e formas de criação e transferências de documentos, desde seus princípios que a declaram como ciência até suas ferramentas de pesquisa, que são os principais meios de divulgação da produção técnica e dos acervos dos arquivos.

A arquivística envolve um conjunto de princípios, conceitos e técnicas a serem observados na produção, organização, guarda, preservação e uso de documentos em arquivos e organizações arquivísticas. A arquivística então tem por objetivo gerir o conjunto das informações geradas por um organismo ou uma pessoa no âmbito das atividades ligadas à missão, ao mandato e ao funcionamento da instituição ou à vida de uma pessoa referida..

No contexto atual da Ciência da Informação é cada vez mais importante a presença desse profissional e espaço que este deve ocupar na sociedade da informação. O arquivista deve aprender , compreender, estruturar, classificar, arrumar e descrever a informação orgânica registrada de modo global antes de detalhá-la (ROUSSEAU; COUTURE, 1998). Todas as intervenções do arquivista devem ocorrer levando em consideração o princípio da proveniência e do reconhecimento do fundo de arquivo como unidade central das operações arquivísticas.

Seguindo esta “missão” que o profissional arquivista deve cumprir com os arquivos físicos também entra em cena qual a posição que este deve tomar diante das novas tecnologias em meio ao gerenciamento arquivístico de documentos em meio digital. Jardim (1995, p.28) traz alguns itens sobre as questões a serem enfrentadas pelos arquivistas como:

A produção dos documentos resultantes das novas tecnologias da informação; os limites e possibilidades desses documentos à luz do quadro teórico-clássico da Arquivologia; a necessidade de as instituições arquivísticas compreenderem, de forma mais precisa, as novas demandas de uso social da informação; as possibilidades de os arquivistas responderem às demandas da sociedade da informação , do ponto de vista de sua formação teórica e prática, das suas associações profissionais e da

sua interação com os outros profissionais de outras disciplinas do campo da informação.

### 3 RUI SPOHR

A moda pode ser vista como um fator dinamizador da economia, devido a sua renovação e crescimento constantes, bem como o apreço que as pessoas têm na aquisição de peças de vestuário a fim de constituírem-se parte de grupos sociais. É preciso lembrar que na moda também há valores intangíveis agregados às documentações produzidas por esse ramo. Por isso serão analisadas as etapas que compreendem entre a moda e a identidade de seu produtor, e como isto exerce influência sobre as atividades meio e fim, visto pelo “olhar” arquivístico.

#### 3.1 MODA E IDENTIDADE

Homens e mulheres sempre se vestiram. No início, provavelmente para se livrar do frio e se proteger das intempéries. Depois para se distinguir e se dividir em grupos. Antes de aprender a fiar e tecer, o ser humano foi obrigado a usar o que tivesse a seu alcance e, ainda que rudimentarmente, homens e mulheres já deveriam possuir estilo próprio, quer fosse para amarrar a pele de um animal em torno do corpo, quer fosse para pendurar no pescoço um dente de um animal capturado. A presa ou a garra pendurada poderia denotar a necessidade de demonstrar poder para seus companheiros ou até mesmo servir de adorno conseqüente da fraqueza humana de que mais tarde conheceríamos por vaidade.

Qual é o papel da moda em nosso cotidiano? Encontrar uma boa idéia escondida em uma simplicidade cotidiana e estar sempre atento às informações que mais atingem as pessoas, em qualquer meio, sejam as novas tecnologias de consumo, a internet, economia, arte, linguagem, consumo, movimento juvenil seja a cultura pop.

A moda permeia diversos níveis de nossa existência. Fazer da moda um manifesto? Aspectos da moda que ainda não são conhecidos das pessoas, motivos que geraram a importância da moda na vida das pessoas, refletindo as dinâmicas sociais; questão cultural; sabe-se hoje que moda não é só uma roupa ou um acessório de determinada marca, ela se tornou um código social. Além disso, vestir-se implica numa forma de apresentação social, auto-estima, da provocação que

alguém quer causar , da ousadia a ser visto. Moda é algo que existe para os outros e para si.

### 3.2 MODA E IDENTIDADE NO RIO GRANDE DO SUL

No Rio Grande do Sul, as baixas temperaturas no inverno e o clima bem definido fizeram o povo gaúcho colocar o vestuário como prioridade; a distância das capitais brasileiras e o forte tradicionalismo contribuíram para o lento processo de modernização do vestuário e da cultura de moda no Estado.

A indumentária do gaúcho teve sua origem nas culturas indígenas instaladas na região. Estas sempre tiveram a vestimenta mais como forma de proteção do que adorno isto por causa da condição climática do Estado, bem diferente da imagem dos índios brasileiros de outras regiões do país, que se tornaram exímios na arte de se ornar apenas com vistosas peças de arte plumária. (GONÇALVES, 2001, p. 151).

Com o passar do tempo e a inserção da cultura hispânica, muito influenciada pelos árabes, o vestuário do gaúcho teve significativa mudança. Os acessórios começaram a fazer parte do traje, como cintos e mantas. O estancieiro, assim como a estanciera, trajava-se de acordo como estilo europeu, agregando peças originais gauchescas. Com a Proclamação da República em 1889, surge a revolução industrial no RS. Através do fabrico de tecidos, chapéus e confecções, diminui a importação desses produtos. Mesmo sem qualidade, em seu início, a indústria fabril gaúcha se instala definitivamente.

A indústria do vestuário se estabeleceu no estado em 1912, quando A.J. Renner recuperou uma pequena indústria têxtil, e o lançamento das capas “ideal” alavancou o processo do empreendimento, que anos mais tarde se transforma em uma das maiores empresas do país. Além da Renner, outras empresas gaúchas tiveram sucesso, como a Guaspari e a Wollens. Pode-se considerar, dentro do cenário de moda do Estado, o estilista Rui Spohr como um ícone. Isto porque ele foi o primeiro brasileiro a cursar moda em Paris.

Mas foi através do calçado produzido pela indústria calçadista do Vale dos Sinos que o Rio Grande do Sul passou a fazer parte do roteiro de moda, em 1957 o estilista Carrasco foi o pioneiro no mundo, em fabricação de calçado plástico

injetado, tendo o nome projetado, internacionalmente, em 1962, que promoveu a indústria gaúcha nas principais cidades do Brasil, através de suas criações.

Os anos sessenta também foram importantes para o *design* de moda do Rio Grande do Sul. Foi a época de grandes costureiros e talentos gaúchos como Mary Steigleder, já falecida, Rui e Guilherme Guimarães, entre outros que continuam em atividade a confirmaram para o Brasil inteiro a elegância da mulher gaúcha – muito comentada na época, graças ao sucesso de Ieda Maria Vargas como representante brasileira no concurso de Miss Universo de 1963. (GONÇALVES, 2001, p.156)

Nos anos 80, a moda gaúcha é marcada pelo destaque que algumas marcas do estado recebem no âmbito nacional, como Milka, X&C, Tchoin, entre outras. Além de vender moda para todo o Brasil, essas marcas participam de eventos e editoriais de moda no centro do país. Nessa mesma época as malharias da serra começam a participar das feiras nacionais ganhando visibilidade e destaque no restante do Brasil.

A partir dos anos 90, se expandem os eventos que mostram a moda produzida no Rio Grande do Sul através de feiras como a Festimalha (moda produzida na serra gaúcha com destaque para Caxias do Sul, Farroupilha e Nova Petrópolis). Nos anos 2000 houve um crescimento e investimento no mercado da moda no Estado com cursos de graduação, tecnológico e técnico para formação, além de feiras especializadas como a Fenim Fashion, Couro moda, Couro Visão, Moda Insights (evento realizado que mostra os novos talentos e criações) e outros.

Após esse breve histórico da moda no Rio Grande do Sul, é importante tratar da questão da identidade do gaúcho, já que este é considerado pelo senso comum um povo com características peculiares dentro do país. Historicamente, a região do Rio Grande do Sul, habitada somente por índios, tornou-se destino da imigração de elementos de diversos povos, dentre eles, espanhóis jesuítas, luso-açorianos, alemães, italianos, africanos, japoneses e judeus.

Cada um desses imigrantes trouxe sua identidade própria. Mas, como a partir de então passaram a conviver, principalmente sob conflitos de fronteira, houve a necessidade de afirmar uma identidade comum. Segundo Oliven (1992) apesar da diversidade interna do Estado, a tradição e a historiografia regional tendem a

representar seu habitante através de um único tipo social: o gaúcho, o cavaleiro e peão de estância da região sudoeste do Rio Grande do Sul. Essa figura é que realmente diferenciaria a população gaúcha do resto do país.

Outro ponto relevante muito citado por Oliven (1992, p.49) é justamente o posicionamento geográfico do Estado, isolado na fronteira sul do Brasil:

A necessidade de garantir fronteiras, dominar a natureza, rebelar-se contra os desmandos do governo central, além de conflitos internos do próprio Estado, ajudariam a explicar o caráter um tanto feroso que já teriam se incorporado ao inconsciente coletivo gaúcho. [...] As peculiaridades do Rio Grande do Sul contribuem para a construção de uma série de representações em torno dele que acabam adquirindo uma força quase mítica que as projeta até nossos dias e as fazem informar a ação e criar práticas no presente.

Em diversos momentos da história do Rio Grande do Sul, a cultura gaúcha foi “invadida” pelo fenômeno da globalização, recebendo influências externas. Na década de 40, por exemplo, os produtos industrializados, em especial os norte-americanos, tiveram forte presença no Estado. Apesar desse movimento forte da modernidade, o movimento tradicional fortalecia-se dentro e fora das terras rio-grandenses. Isso porque sempre foi forte a necessidade de revitalizar os valores da tradição para confrontar o modernismo.

Quanto à forma de se vestir, os gaúchos são considerados mais conservadores, ligados ou não a uma identidade mais clássica e simples, é destaque nas pesquisas de marketing e consumo de produtos de moda no Estado. Xico Gonçalves (2001, p. 53) confirma esta idéia dizendo:

O consumidor gaúcho é conhecido pela sua exigência. De modo geral, tem dificuldade para assumir tendências muito atuais, preferindo sempre um visual discreto com peças clássicas e de bom corte. Nas cores, prefere os tons neutros. Tendências de cores muito fortes ou extravagantes geralmente não têm sucesso comercial no sul, ficando limitadas às poucas tribos que adotam lançamentos com mais facilidade.

### 3.3 RUI SPOHR

Rui Spohr nasceu em 1929 na cidade de Novo Hamburgo-RS. Criado dentro das tradições germânicas, sempre achou que havia nascido no lugar e tempo errados. Durante o dia, trabalhava na fábrica de calçados do pai e, à noite, fazia

curso de contador, mas aos 14 anos de idade, já sabia que seu desejo era fazer algo ligado diretamente à arte.

Foi trabalhando na fábrica do meu pai como modelista que comecei a desenhar moda, comecei a inventar coleções inteiras, sempre procurando minha inspiração nas figuras geométricas, e até mesmo assimétricas, que compunham os pares de sapatos. Aquele era o desafio que eu me impunha, pois não queria começar copiando criações de terceiros. Daquele exercício diário nasceria toda a base da minha verdade sobre moda - meu design calca-se em traços limpos, despojados. (SPOHR, 1997, p. 183).

Desde muito cedo ele admirava as mulheres que andavam na moda. Talvez seja por isso que se sentia falta de sintonia com o tempo em que vivia. Em 1947, ele desenhou seu primeiro vestido, tomando como base uma foto de Evita Perón da revista *O Cruzeiro*, e nos desenhos de Alceu Penna<sup>1</sup>. No mesmo ano ele criou o pseudônimo “Rui”, a fim de escrever para um jornal em Novo Hamburgo sem que ninguém soubesse. Entrou na Faculdade de Belas Artes em 1949, morando e trabalhando em Porto Alegre, permanecendo por dois anos e acabou não concluindo o curso. Nesse mesmo período, Rui fez seu primeiro desfile de moda em Novo Hamburgo, com direito a música, luz e passarela que, segundo ele, teve inspiração nos filmes de Hollywood e revistas de moda.

Não demorou muito para ele realizar seu segundo desfile. Em 1951, já trabalhando com a modista Elaine Caldas, fez um sofisticado evento com direito a jóias emprestadas de uma joalheria, e um vestido que jamais tinham visto na cidade, foi um grande sucesso.

Dali em diante, idéias originais não faltavam na minha cabeça, e uma delas foi ir para Paris. Com mais de dois anos de Belas Artes, eu chegara à conclusão de que, para mim, não havia mais o que aprender naquele curso, uma vez que o meu real desejo era fazer moda. Eu queria aprender a fazer moda, criar roupas, entender de panos e de corte, entrar no jogo das cores. ( Spohr, 1997, p. 192)

Em outubro de 1952, após receber a herança deixada pelo pai, Rui com apenas 22 anos, foi para a Europa estudar na *Chambre Syndicale de la Couture Parisienne*. O curso tinha duração de quatro anos e formava ajudantes de costura, e

---

<sup>1</sup> Alceu Penna (1915-1980), se dedicou ao curso de Belas Artes, desenhava cartazes, menus, cenários, figurinos para shows, decorações e fantasias para Carnaval e concursos de Miss. Colaborou também com as revistas “O Cruzeiro”, “Manequim”, “O Globo Juvenil”, “A Cigarra” com suas ilustrações”

oferecia também um curso intensivo para maiores de 18 anos. O valor recebido era suficiente, apenas, para ele viver durante oito meses na Europa. Rui, na França, vivia com pouco dinheiro, o qual era mandado pela família. Nos últimos meses em que esteve na França, ele ganhou uma ajuda de custo de U\$\$ 80,00 por mês do governo brasileiro, mas chegou a passar fome, ficou três meses hospitalizado, trabalhou como modelo vivo, nu, em uma escola de arte e trabalhou, também, como *táxi boy* ( dançarino de boate com clientes desacompanhadas) a fim de aumentar sua renda.

Como as noções de corte e costura eram muito básicas, em 1953, Rui se matriculou na *École Guerre-Lavigne* (hoje ESMOD), pois, para ele, a criação tem a ver com altas doses de curiosidade cultural e intelectual e, lá, as disciplinas exigiam muito empenho dos alunos, em especial o aspecto cultural da criação. A disciplina de História de Moda era dentro do Museu do Louvre e as aulas de desenho com modelos vivos e tecidos jogados no corpo, a fim de identificar pelo traço do desenho qual era o tecido.

Como na década de 50 o chapéu estava em alta, Rui trabalhou como estagiário de Jean Barthelet (um dos maiores chapeleiros da época), apenas para ganhar experiência, pois não recebia salário para isso. Com 25 anos, em março de 1955, saiu de Paris num navio de carga de volta para Porto Alegre. No mês de maio desse mesmo ano, ele começou a chocar as pessoas com as suas novas idéias ligadas à moda. Em uma oportunidade, foi preso por atentado ao pudor na praia de Santos, já que resolveu usar uma tanga para tomar banho de mar, um hábito comum na França, mas desconhecido e considerado impróprio em terras brasileiras.

Seu primeiro ateliê foi aberto ainda no ano de 1955, com apenas uma funcionária. Era um apartamento simples, mas foi lá que ele realizou o primeiro desfile de chapéus de forma muito modesta, com cadeiras emprestadas e modelos usando um vestido preto para os trajes de inverno e um vestido branco para os de verão.

Entretanto, o fim da “era” dos chapéus não demorou para chegar. No final dos anos 50, ele passou a ser usado somente em casamentos, e com isso, Rui deu

início a uma adaptação mediante à nova realidade, passando a dedicar-se aos vestidos que já desenhava para combinarem com os chapéus.

Instituiu coleções primavera-verão e outono-inverno, que não existiam no Rio Grande do Sul, e a contratação de manequins pagas, pois até então eram moças de sociedade que desfilavam.

Eu vinha com idéias revolucionárias de valores, de como se interpreta e como se vê a Moda, e como deparei com um esquema todo certinho, montado havia 20 anos em cima de idéias absolutamente estagnadas. Lógico que foi guerra à primeira vista. (SPOHR, 1997, p. 107).

A entrada do estilista na alta sociedade local deu-se de forma inusitada. Segundo ele, foi apenas da ajuda de uma mulher, dona de um restaurante muito freqüentado por “políticos sem as esposas”, que sua carreira decolou, pois as moças que lá trabalhavam recebiam e usavam gratuitamente as roupas desenhadas por ele. Logo, as peças fizeram sucesso, e o costureiro decolou na carreira, “Essa pessoa (conhecida no “Nega Tereza”) abriu-me a porta dos fundos para aquela camada da sociedade de onde sairia a minha clientela em potencial.” (SPOHR, 1997, p.122).

Aproveitando a “boa fase”, juntamente com a carreira dando certo, é importante mencionar um fato que pode ser apenas uma menção ao estado civil de uma pessoa mas que neste caso significa muito mais. Rui se casou em 04 de fevereiro de 1960 com Dóris, que além de ser sua esposa assumiu, praticamente, o gerenciamento administrativo e financeiro da empresa (ateliê). Rui fez o vestido de Dóris e não se ocupa com nada mais para não prejudicar a sensibilidade aplicada ao “processo criativo”.

Prosseguindo na década de 60, realizou pequenos desfiles e iniciou seus atendimentos com base na alta-costura, na verdadeira técnica da *moulage*. Firmou-se como o estilista preferido das mulheres da alta sociedade, começando, então, a fazer vestidos de noiva, debutante e festa. Entretanto Rui tem uma postura bastante realista com relação à alta-costura no Brasil. Aqui no Brasil não se faz alta-costura propriamente dita e, sim, um sob medida especial com os conhecimentos básicos da técnica da alta-costura. Na verdade, é uma alta-costura traduzida para os parâmetros brasileiros “[...] a alta costura mesmo, ou seja, o artesanato da moda, a roupa quase toda feita à mão, essa só se encontra na Europa. A Etiqueta Rui faz um

sob-medida dentro de um esquema internacional de alta-costura.” (SPOHR, 1997, p.197).

Nos anos 60, Rui fazia, em média, por ano, 40 vestidos de noiva e 70 vestidos de debutante. Empregava 60 pessoas e possuía três departamentos em seu ateliê, tudo sob-medida, pois ainda não fazia *prêt-à-porter*. O nome Rui levou quase seis anos para impor seu trabalho no mercado gaúcho. Um grande destaque de sua carreira veio com a oportunidade de fazer o vestido de noiva de Ieda Maria Vargas (gaúcha eleita Miss Universo em 1963) em 1968.

Rui deu início ao *prêt-à-porter* na década de 70, o qual era vendido primeiramente em lojas na cidade, até que ele abriu loja própria. . Para deixar claro, o *prêt-à-porter* é o pronto para usar, é a coleção desenvolvida que se aproxima da técnica e qualidade da alta costura, onde encontram do mais esportivo ao alto esporte, vestidos de festa longos e curtos e outros além de acessórios como sapatos e bolsas. A Alta Costura, como define (SPOHR, 1997, p. 48)

São tecidos selecionados pela sabedoria de quem possui a sensibilidade de um toque diferenciado; cortes precisos que revelam a elegância que cada pessoa carrega em sua essência; linhas que se cruzam em harmonia para moldar o seu corpo sob medida.

Existe um processo a ser feito em que a cliente deve entrar em contato com o atelier e agendar um horário com o departamento de alta costura; no encontro com a cliente, Rui desenha os croquis do traje, combinando a idéia inicial da cliente com as suas inspirações seguindo todos os cuidados de uma criação e mão-de-obra especializada; com tudo alinhavado é marcado as provas, três no total, em que toda atenção é dada para que o resultado seja completamente satisfatório.

Rui Spohr, além de estilista, foi professor de História da Moda, cronista do jornal gaúcho Correio do Povo e trabalhou na TV e rádio em programas de moda. Atualmente, o estilista não participa mais dos desfiles em que são apresentadas as coleções de primavera-verão e outono-inverno. Ele diz que este tipo de evento exige muitos preparativos, muitas vezes exaustivos, e requerem um grande investimento. Entretanto, ele continua fazendo em seu ateliê vestidos de noite, debutante, noiva e *prêt-a-porter*.

Rui Spohr não faz parte do pequeno rol de estilistas que podem usar o termo alta-costura. Mas é visto que a sua formação, os processos de produção de suas peças de luxo, experiência de muitos anos de trabalho, influenciam no resultado final de seu trabalho aproximando-o da categoria mais alta de um produto de moda.

### 3.4 ACERVO TÉCNICO RUI SPOHR

A formação de um acervo é resultado do que é produzido por uma empresa. Nesse caso, diz respeito ao material e as informações utilizadas no trabalho do ateliê Rui Spohr. O material se encontra no sótão da casa onde funciona a loja Rui. Há uma pessoa encarregada de cuidar desse material e permanece no local três dias da semana.

Há várias pilhas de revistas de moda, separadas por título, como Vogue francesa, Vogue italiana, Vogue brasileira, algumas com datas de 1970 até hoje. Em uma prateleira de madeira tem alguns VHS com desfiles e entrevistas do Rui. E numa pequena sala, existe uma grande preciosidade arquivada, podemos dizer arquivadas, porque a senhora encarregada do acervo fez um trabalho com exímio capricho em pastas separadas por cor e bem acondicionadas separando pelos seguintes assuntos:

- a) Pastas Anuais – cor: preta – todo o material recebido no ano corrente como: fotos, entrevistas, reportagens, notícias, cartões;
- b) Pastas Desfiles: cor: rosa – materiais sobre o desfile, mapas de produção, relação das modelos, cronograma e fluxo dos desfiles, relação de convidados, correspondências, convites, fotos e notícias;
- c) Pastas Palestras: cor: verde – palestras do Rui em: escolas, faculdades, empresas, clubes e outros locais, incluindo fotos contendo o assunto que foi ou será abordado com data e hora;
- d) Pastas Clientes: cor: transparente – desenhos dos trajes das clientes desde 1958 até os dias atuais;
- e) Pastas Loja e Diversos – cor: azul – assuntos sobre a loja e diversos.

## 4 ESQUEMA DE METADADOS PARA AS FICHAS TÉCNICAS

O processo de desenvolvimento inicia na etapa chamada de Análise dos Requisitos. Nesta etapa são identificados, analisados, negociados, especificados e descritos os requisitos para a base de dados, isto é, as necessidades que a base de dados deve atender. O momento é fundamental para identificação e análise das necessidades. Nesse caso já foi analisada com a devida atenção a identificação dos itens que não devem faltar, e tudo o que podem necessitar como a abertura de um campo de escrita de texto para observações, campo de anexo de arquivos de diversos formatos e outros.

Dentre os requisitos a serem analisados, destacam-se os Requisitos de Usuário, os Requisitos Funcionais e os Requisitos Técnicos. A seguir a definição de cada um:

- a) Requisitos de Usuário: requisitos que identificam os tipos de usuários da base de dados; os tipos e as quantidades dos documentos a serem armazenados na base de dados; os propósitos de uso dos documentos (ensino, pesquisa,...); as formas de acesso e uso das informações (acesso livre, pagamentos, materias restritos, propriedade intelectual, licença de uso, direito autoral moral e patrimonial); entre outros.
- b) Requisitos Funcionais: compreendem em identificar as necessidades para as funções que o sistema irá executar, isto é, identificar requisitos para o depósito (inclusão) de documentos na base de dados, para o acesso aos documentos, para a busca aos documentos, para administrar o sistema (autorizações de acesso, relatórios, estatísticas), e para determinar os fluxos de trabalho (processos).
- c) Requisitos técnicos: envolve identificar necessidades de infraestrutura, plataforma, padrões, instrumentos para representação e organização dos documentos e metadados, necessidades de interoperabilidade (OAI-PMH, Z39.50); etc.

Os requisitos técnicos podem ter sub-divisões como:

- a) Requisitos para a representação dos metadados: padrões de metadados a

serem seguidos, elementos necessários para descrever os diversos tipos de documentos da base de dados;

- b) Requisitos para a representação dos documentos: formas para identificação dos documentos (estabelecer links persistentes para os documentos na web/ identificadores persistentes, como DOI e handle system), formatos para representação (ex.: pdf, html) e empacotamento dos documentos (ex.: METS);
- c) Requisitos para a organização da informação: taxonomias, classificações, etiquetas, tesouros, listas de termos;
- d) Requisitos de interoperabilidade: protocolos de interoperabilidade, como OAI-PMH (colheita de metadados), sendo assim permite a troca de dados entre bases de dados diferentes.

Com base nos requisitos, são elaborados o modelos de dados (perfil de aplicação, formatos aceitos para os documentos, formatos de representação), o plano de preservação digital, as políticas, e um software é escolhido ou desenvolvido. O perfil de aplicação está ligado aos Requisitos Técnicos de Metadados e faz parte do modelo de dados.

Fala-se tanto em metadados, mas é importante trazer o conceito que podem ser simplesmente “dados sobre dados”, ou melhor, dados associados a objetos que auxiliam seus potenciais usuários proporcionando conhecimentos sobre suas existências e características, melhor ainda se dita como uma informação estruturada que descreve, explica, localiza, e torna fácil o uso e a recuperação de um recurso informacional. Já o esquema de metadados, contém a definição dos elementos de metadados que serão utilizadas por uma devida comunidade para descrever seus recursos. Exemplo desses esquemas são Dublin core, Marc e EAD. Quanto aos tipos de Metadados temos:

- a) Descritivo: visa à descoberta e identificação (ex: MARC e seus desdobramentos; Dublin Core; Meta Tags - HTML)
- b) Estrutural: estabelece as formas de apresentação dos dados descritos e registrados digitalmente (ex: SGML; HTML e XML; EAD; MEMRI)
- c) Administrativo: que discriminam as formas de armazenamento , processamento e uso dos dados contidos nos estoques da

informação. Existem vários subconjuntos de dados administrativos; dois deles, às vezes, são listados separadamente como tipos de metadados:

- Gerenciamento de direitos : que tratam dos direitos de propriedade intelectual (ex: rights – onde engloba o autor, editor, contribuidores e direitos).
- Preservação Digital : que contém informações necessárias ao arquivamento e à preservação de um determinado recurso.(ex.: OAIS)

Alguns dos motivos para uso de metadados são: para descoberta de recursos; organizar recursos eletrônicos; interoperabilidade; identificação digital dos documentos; arquivamento e preservação.

A seguir temos alguns exemplos de Esquemas de Metadados:

- a) Para descrever Recursos da Web : Dublin Core
- b) Para Registros Bibliográficos: Marc, MarcXML, Mods, Onix (indústria)
- c) Para descrever Autoridades, Agentes, Pessoas, Entidades: Foaf (Friend of a Friend) - Relacionamento ; vCard - Contatos, negócio Mads Marc Authority - Registro de autoridades; EAC ISAAR-CPF (norma) - Arquivo

Conforme o tipo de documento há um esquema que melhor se encaixa ou que pode atender as principais necessidades das informações a serem tratadas. Dessa forma, avançando no tema podemos tratar o esquema de metadados como um perfil de aplicação, ou seja, sendo um esquema que consiste de elementos de um ou mais esquemas de metadados que são combinados e otimizados para uma aplicação particular; normalmente são construídos a partir do dublin core para ser estendido e aplicado para um domínio particular.

Cada elemento do Dublin Core é definido usando um conjunto de dez atributos segundo a norma ISO/IEC 11179, para descrição de elemento de dados, onde especifica que os metadados registrados estejam centralizados com o intuito de integrar todos os padrões utilizados pela organização, facilitando a indexação e a recuperação de dados comuns entre padrões distintos.

Estes consistem em:

- Nome: a etiqueta atribuída ao elemento de dado;
- Identificador: o identificador único atribuído ao elemento de dado;
- Versão: a versão do elemento de dado;
- Autoridade de registro: a entidade autorizada a registrar o elemento de dado;
- Língua: a linguagem na qual o elemento de dado é definido;
- Definição: uma afirmação que representa o conceito e a natureza do elemento de dado;
- Obrigação: indica se o elemento de dados é sempre obrigatório ou não (contém um valor);
- Tipo dos Dados: indica o tipo dos dados que podem ser representados no valor do elemento de dado;
- Máxima Ocorrência: indica qualquer limite à repetição do elemento de dado;
- Comentário: uma nota relativa à aplicação do elemento de dado.

Os elementos de Dublin Core referem-se aos recursos a serem descritos. Um recurso será tipicamente um serviço ou um recurso de informação, mas o conceito poderá ser aplicado de forma mais expansiva. A seguir podemos ver a segmentação desses elementos:

- *Elemento : Título*

Nome: Título

Identificador: *Title*

Definição: O nome dado ao recurso.

Explicação: tipicamente, um Título será o nome pelo qual o recurso é formalmente conhecido.

- *Elemento: Criador*

Nome: Criador

Identificador: *Creator*

Definição: A entidade responsável em primeira instância pela existência do recurso.

Explicação: Exemplos de criador incluem uma pessoa, uma organização, ou um serviço. Tipicamente, um Criador deve ser usado para indicar uma entidade.

- *Elemento: Assunto*

Nome: Assunto e Palavras Chave

Identificador: *Subject*

Definição: Tópicos do conteúdo do recurso.

Explicação: Um Assunto deverá ser expresso por palavras chave, frases, ou códigos de classificação que descrevem o conteúdo do recurso. Recomenda-se a seleção de termos de vocabulários controlados, ou de sistemas de classificação.

- *Elemento: Descrição*

Nome: Descrição

Identificador: *Description*

Definição: Uma descrição do conteúdo do recurso.

Explicação: Descrições podem incluir, sem estarem limitadas a tal: um resumo, um índice, uma referência a uma representação gráfica do conteúdo, ou uma descrição textual.

- *Elemento: Editor*

Nome: Editor

Identificador: *Publisher*

Definição: uma entidade responsável por tornar o recurso acessível.

Explicação: exemplos mais básicos incluem uma pessoa, uma organização ou um serviço. O nome de um Editor pode ser usado para indicar a entidade.

- *Elemento: Outro Contribuinte*

Nome: Outro Contribuinte

Identificador: *Contributor*

Descrição: uma entidade responsável por qualquer contribuição para o conteúdo do recurso.

Explicação: alguns exemplos incluem uma pessoa, organização ou serviço, sendo que o nome de um Outro Contribuinte deve ser usado para indicar a entidade.

- *Elemento: Data*

Nome: Data

Identificador: *Date*

Descrição: uma data associada a um evento do ciclo de vida do recurso.

Explicação: uma data deve ser associada à criação ou disponibilidade do recurso.

- *Elemento: Tipo*

Nome: Tipo do Recurso

Identificador: *Type*

Descrição: a natureza ou gênero do conteúdo do recurso.

Explicação: tipos incluem termos, descrevendo categorias genéricas, funções, gêneros, ou níveis de agregação para o conteúdo, por isso é recomendado bom senso na seleção de “valores” para os dados. Para descrever a manifestação física ou digital do recurso, deve ser usado o elemento Formato.

- *Elemento: Formato*

Nome: Formato

Identificador: *Format*

Descrição: a manifestação física ou digital do recurso.

Explicação: o Formato deve incluir o tipo de meio do recurso, ou as suas dimensões. Este elemento deve ser usado pra determinar as aplicações informáticas ou qualquer tipo de equipamento necessário para reproduzir ou operar com o recurso. Incluem exemplos como tamanho e duração

- *Elemento: Identificador*

Nome: Identificador do Recurso

Identificador: *Identifier*

Definição: pode ser uma referência, definida num determinado contexto.

Explicação: recomenda-se a identificação do recurso por meio de uma cadeia de caracteres ou por um número de acordo com um sistema de identificação formal – exemplos: URI (uniform resource identifier), URL (uniforme resource locator).

- *Elemento: Fonte*

Nome: Fonte

Identificador: Source

Definição: uma referência a um recurso de onde o presente recurso possa ter derivado

Explicação: o presente recurso pode ter derivado do recurso Fonte na sua totalidade ou apenas em parte.

- *Elemento: Língua*

Nome: Língua

Identificador: Language

Definição: a língua do conteúdo intelectual do recurso.

Explicação: Uso de duas letras para a representação de Estado ou País.

- *Elemento: Relação*

Nome: Relação

Identificador: Relation

Definição: Referência a um recurso relacionado

Explicação: Referir o recurso através de uma cadeia de caracteres ou número em conformidade com um sistema de identificação normal.

- *Elemento: Cobertura*

Nome: Cobertura

Identificador: Coverage

Definição: a extensão ou alcance do recurso

Explicação: Inclui localização sendo ela espacial, geográfica , período no tempo, jurisdição, intervalos de datas, coordenadas.

- *Elemento: Direitos*

Nome: Gestão de direitos

Identificador: *Rights*

Definição: informação de direitos sobre o recurso ou relativos ao mesmo.

Explicação: Este elemento deverá ter uma declaração de gestão de direitos sobre o recurso, ou uma referência a um serviço que fornecerá essa informação. Tal poderá compreender a informação sobre direitos de propriedade intelectual, direitos de autor, ou outros. A ausência deste elemento não permite formular qualquer hipótese válida sobre quaisquer direitos que possam incidir sobre o recurso.

#### 4.1 FICHAS TÉCNICAS

As fichas técnicas são confeccionadas conforme a demanda e necessidade do estilista/ departamento de produção, ou seja, a informação é disposta de forma que atenda e sirva como recurso na pesquisa e cadastro das peças produzidas. É importante tratar uma ficha técnica de acordo com sua utilidade segundo a produção de um produto têxtil, ou melhor, dizendo de uma peça de vestuário. Segundo Leite e Veloso (2004, p. 147) a ficha técnica tem como objetivo “[...] informar os dados peculiares do produto, que são o desenho técnico e as informações sobre matéria-prima e o modo de produção. A ficha técnica deve conter toda a memória descritiva do produto”, e ainda salientam que a “formatação de uma ficha técnica é flexível, não havendo uma regra geral”.

Para ficar claro o significado da ficha técnica podemos compará-la com uma ficha de especificações técnicas, que é usada em qualquer produto industrializado. Essas informações dizem respeito à utilização desse produto para o consumidor final e para sua fabricação as informações serão ainda mais técnicas. Percebemos acima que temos informações que são técnicas para o consumidor final, entretanto para a industrialização ou fabricação desse produto, elas serão muito mais detalhadas e específicas.

Na indústria de vestuário também não é diferente e como no exemplo acima uma ficha de especificações técnicas de uma roupa seriam informações como: composição de tecido e forro, o seu tamanho, informações de lavagem, secagem e passadoria, isso serão informações úteis para o consumidor final do produto acabado. Já para sua fabricação as informações e indicações estariam ligadas ao material empregado, tecido/malha/entretela, seu gasto por peça, tipos de aviamentos e quantidades (botões, zíper e etiquetas), processos terceirizados (silk, bordado, plissagem) e outros, a grade com as quantidades por tamanho e cores.

Essas informações são a base para o cálculo de custo dessa peça, tanto quanto mais ainda temos em uma ficha técnica as informações de montagem da mesma tais como: tipo de máquina para a confecção do produto, podendo ser máquina de costura reta, overloque, interloque, colarete (galoneira), pestontadeira e etc. e a descrição detalhada sobre em quais áreas cada uma dessas máquinas serão empregadas e como, exemplo: fechar a lateral com reta de 2 agulhas, ou utilizar na barra colarete (galoneira) com 3 agulhas e trançador. Informações do tipo de ponto e sua tensão (ponto corrente com 7 pontos p/ cm). A seguir vamos listar algumas informações que não devem faltar em uma ficha técnica:

- a) *Dados de Identificação*
- b) Nome ou período da coleção;
- c) Referência do modelo;
- d) Descrição do modelo;
- e) Designer responsável;
- f) Código do molde;
- g) Grade de tamanhos;

- h) Modelista responsável
- i) Data de aprovação do modelo;
- j) Desenho técnico do modelo.

*Dados sobre Insumos Diretos:* Referem-se aos materiais que irão compor o produto e o consumo para a produção de cada unidade. Devem conter quantidade, código/ref, fornecedor, composição, cor, fornecedor, e se necessário, preço: tecidos e aviamentos.

*Dados sobre Insumos Indiretos :* Elementos de identificação ou embalagens que serão utilizados, como tags de identificação ou preço, etiquetas adesivas do tamanho, sacos plásticos, caixas de papelão e outros.

*Dados sobre Elementos Decorativos:* Servem para orientar a combinação de cores de estampas e bordados.

*Dados sobre Mão-de-Obra:* Seqüência de operações, relacionando as máquinas envolvidas na manufatura e o tempo de trabalho em cada operação. Essa informação viabiliza a programação da produção e fornece ao setor de custos o tempo total de produção de cada peça.

A ficha técnica é denominada conforme a necessidade de seu produtor, pois nela irão constar as informações e dados que este julga ser necessário para saber tudo o que foi utilizado para produzir uma peça, seja ela qual for.

Na seção de Anexos, podemos ter exemplos de moldes de fichas técnicas, assim pode-se ter uma idéia de que para cada produtor há um detalhe ou informação mais importante e o que será melhor para o desenvolvimento do trabalho.

Começando pela criação e desenvolvimento do produto, realizada pelo estilista, o que requer conhecimento tanto das tendências de moda quanto das características de estratégia da empresa e principalmente seguindo a identidade da marca ou estilo do seu produtor. Logo o desenho segue para a modelagem onde a modelista concretiza as idéias do estilista de modo a criar um protótipo de papel ou

cartolina a partir do qual se elabora o molde básico. A modelagem consiste em criar todas as partes que compõem um protótipo de produto de vestuário e podendo ser executado pelo processo manual ou computadorizado. Faz parte da modelagem, também o sistema de redução e ampliação, ou seja, o desdobramento da modelagem básica nos diferentes tamanhos a serem fabricados.

O sistema de corte começa com a elaboração do gradeamento (significa a quantidade de peças que são cortadas por tamanho e cor) para encaixe e risco de toda modelagem já ampliada e reduzida, que em seguida passa pelo enfesto (é a quantidade de tecido usada para se fazer um corte gradeado).

A costura é a parte do processo onde a peça de fato é montada, suas partes unidas geralmente por meio de máquina de costura. O bom desempenho desta etapa depende da escolha do sistema de fabricação e da adaptação do maquinário à matéria-prima e aos modelos. Portanto é dito que a costura é a fase mais importante do processo produtivo.

O acabamento consiste na limpeza e passadoria das peças já costuradas, de modo a deixá-las prontas para a embalagem e a comercialização/ entrega.

Diante desse processo a ficha é preenchida diante de cada etapa, desde um exemplo do croqui desenvolvido pelo estilista até o fim do acabamento anotando até a quantidade de tecido que sobrou.

#### 4.2 FICHAS TÉCNICAS DO ATELIÊ RUI SPOHR

No caso das fichas técnicas desenvolvidas pelo ateliê Rui Spohr existem as produzidas para o departamento prêt-à-porter e para a alta costura.

E para esta análise vamos tratar das produzidas para o departamento prêt-a-porter, pois a de alta costura não tem um “padrão” nas informações coletadas, depende da situação e das necessidades da cliente; já as de prêt-a-porter estão padronizadas desde o ano de 2004.

Conhecendo um pouco mais esse processo de desenvolvimento vamos analisar as fichas técnicas do ateliê Rui Spohr sendo composta de cinco campos:

- a) Mão de Obra: nessa parte é preenchida conforme passa pela mão do profissional dos processos da peça como: tipo de trabalho, fornecedor, material, valor unitário, total e observações;
- b) Formação de Preço: Custo geral, preço de venda.
- c) Croqui: um exemplo do croqui original da roupa a ser confeccionada;
- d) Controle de Produção: ordens de corte ( cada ano corrente recebe um número e uma cor – exemplo – ano de 2010 – cor: verde), tecido, fornecedor, valor, consumo, tamanho, composição, Artigo, referência de cor, data de corte, data de entrega
- e) Mão de obra terceirizada: neste caso quando precisam de mão de obra terceirizada preenchem os mesmo campos de mão de obra ( como se fosse na produção do ateliê- anotando tudo o que foi utilizado e que foi preciso ser feito)
- f) Pedaco de tecido: este modelo de tecido que é anexado junto às fichas, serve de exemplo prático e visual para o tecido que foi utilizado na composição básica da peça.

### 4.3 APLICAÇÃO DO ESQUEMA DE METADADOS

Seguindo todas as informações até agora vistas do que significa o que deve conter uma ficha técnica, até os componentes da ficha técnica de prêt-a-porter do ateliê de Rui Spohr, é visto como para cada produtor o conteúdo que tem valor mais expressivo para a memória de cada peça. Exatamente, podemos falar de memória, pois serão esses dados armazenados que ficarão registrados e que irão guardar as informações das peças.

Até o momento, não foi tratada a razão pelo qual iremos utilizar uma futura base de dados, e a resposta se mostra nas próprias necessidades do produtor. Um produtor que queira se manter no mercado, não vai se manter somente com seu desenho, ele precisará analisar outras questões que influenciam direta ou indiretamente no funcionamento de seu ateliê como custos, tipos de peças trabalhadas, tipos de tecido, tipos de cliente, enfim, é um exemplo prático de planejamento refletido na documentação produzida, ou seja, por meio das fichas técnicas. A partir do momento que existe uma base de dados, as informações que

serão registradas logo apresentarão vantagens como evitar a perda e dano da ficha, pesquisas, levantamentos e controle de acesso.

Quantos vestidos de seda foram confeccionados no ano, qual foi o custo que teve no mês com aviamentos, quais os tipos de botões que mais se utiliza no ateliê, a possibilidade de perguntas é grande frente ao recurso que a base de dados pode trazer, além de controlar o acesso as fichas e registro, dessa forma o trabalho dinâmico da moda não perde o seu desenvolvimento, auxiliando a própria marca a buscar seu crescimento no passar do tempo.

O esquema de metadados a ser indicado será com base no Dublin Core, que usa um vocabulário simples e eficiente usado para descrever recursos para fins de busca, e visa possibilitar que pessoas não especializadas em catalogação e indexação possam usar-los para descrever seus recursos.

Diante da quantidade de termos a serem descritos, para melhor atender a esta ficha técnica tem o Dublin Core Qualificado que são esquemas em que os elementos de Dublin Core têm valores possíveis para esses elementos, sendo que os de Dublin Core são refinados a fim de tornar a descrição mais precisa. Revendo os elementos descritos como Fonte, Descritores e outros, associando com os elementos utilizados pela ficha técnica do ateliê Rui Spohr, foi constituído um quadro aplicando esses dados com os elementos que melhor se encaixam na necessidade produtiva do ateliê. ( VER APÊNDICE)

Apesar de todas essas vantagens vistas para a sugestão de migração dessas fichas em papel para o meio informático, existe uma desvantagem que se sobressai: todos os itens a serem inseridos no esquema de metadados podem ser descritos e precisos, mas, o que fazer com o pedaço de tecido que é anexado junto às fichas? Mesmo que seja feito um “scaneamento” do tecido, na tela ele perde seu valor e informação por ser um item que possui características visuais e sensitivas.

Se a suavidade da seda não pode ser sentida pela tela do computador e essa peça é importante para o contexto da ficha técnica, podem-se fazer algumas sugestões como: não colocar fora as fichas em papel (arquivando-as em local adequado, separadas por ano) ou mencionar no sistema o tipo do tecido e onde ele fica guardado junto a uma referência numérica com seu fornecedor em que caso for

necessário à pessoa interessada na pesquisa terá que ir até o local onde se guarda os tecidos da produção ou se for um tecido que será extinto guardar numa pasta junto dos outros tecidos, para que se conserve a amostra.

## 5 CONCLUSÃO

Num mundo em que a economia impera, os mercados são determinantes para a formação e mudança de valores em provavelmente todas as profissões. A necessidade de sobrevivência nesse mundo competitivo, globalizado, em constante desenvolvimento tecnológico, é a maior causadora de mudanças de postura, valores e perspectivas profissionais, assim delineando com o passar do tempo o perfil profissional. Vendo a Arquivologia, de ontem e hoje, percebi e percebo que não se deve ficar limitado a um trabalho monótono de guarda de pastas como muitos pensam, ou com aquela velha pergunta: “precisa fazer faculdade para guardar papel?”, pois é preciso que haja uma mudança de pensamento dessas pessoas, mas antes de tudo agindo e praticando o porquê desse ensino em nível universitário.

Desde o início da graduação vi as fronteiras do conhecimento se expandindo por todos os lados, e enxerguei a moda como um campo vasto e cheio de informações que precisam ser adequadamente tratadas para perdurarem e contribuírem para sua história, ainda em crescimento nesse país. Os recursos e sistemas informáticos participam dessas fronteiras também, porque o arquivista irá se deparar frequentemente com os novos suportes, tendo como metas soluções para os documentos, onde querem ou não trocar informações, levando o profissional a um serviço de qualidade sobre o que o cliente deseja e o que é melhor para seu objeto de trabalho no tratamento da informação.

É necessário e imprescindível atuar de forma profissional, antes de qualquer coisa, agir com responsabilidade no uso de diferentes recursos e instrumentos da profissão que atenda os diferentes públicos existentes. Buscar a melhoria contínua na execução das atividades profissionais, visando resultados com mais qualidade, é requisito fundamental do profissionalismo. O profissional deve ter consciência de suas limitações e, por outro lado, precisa buscar os conhecimentos ainda não adquiridos, visando à inovação qualitativa contínua de seus serviços e dos produtos criados, destinados a um determinado público.

Para este trabalho, por exemplo, foi necessário buscar informações em várias áreas aliadas com disciplinas já cursadas. História da Moda no Brasil e no Rio Grande do Sul, biografia do Rui Spohr, visitas ao ateliê, orientações e leituras sobre

o foi tratado em Planejamento e Bases de Dados, Administração, Organização & Métodos, enfim, apesar de pouca literatura sobre o assunto que a interdisciplinaridade frutificou nesse estudo.

O profissional da informação precisa buscar informação e conhecimento de forma contínua, pois estes são os mais valiosos recursos estratégicos. Investir nisso é muito importante para o crescimento profissional. Por uma questão de atitudes profundamente “enraizadas”, a maioria dos profissionais espera que a organização faça isso, isto é, seja a única responsável pela sua educação continuada. O profissional deve ter consciência de que a responsabilidade pelo seu aprendizado parte também do indivíduo de buscar e acrescentar o que as experiências e estudos no mercado de trabalho têm a oferecer.

Já foi dito que as motivações da moda, em qualquer época dependem de vários fatores. Desde o nascimento das civilizações, o homem usa sua indumentária como símbolo de posição social, adereços como privilégio, identificação de um grupo outros até com finalidade de discriminação. A moda vem ao encontro sempre de uma necessidade, seja esta uma necessidade profissional, política, psicológica, ou meramente de gosto, favorecendo uma estética – do grupo ou do indivíduo.

Assim como a moda vem ao encontro de uma necessidade, este trabalho se desenvolveu analisando do ponto de vista arquivístico, estudando um esquema de metadados que melhor se adapta para o arquivamento dos dados e informações e como melhorar a gestão das fichas técnicas, unindo meios tecnológicos a um os principais documentos neste ramo produtivo. Dessa forma o arquivista se mostra um profissional polivalente, se aprimorando com novas situações e outras áreas de atuação. Essa é a missão do “cientista da informação”, não deixar as informações se perderem e se tornarem obsoletas, mas sim vivas e valorizadas ao encontro de uma necessidade ou para a sociedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERWANGER, Ana Regina; LEAL, João Eurípedes Franklin. **Noções de paleografia e de diplomática**. 3.ed. Santa Maria: UFSM, 2008.
- CASTRO, Astréa de Moraes e; CASTRO, Andressa de Moraes e; GASPARIN, Danuza de Moraes e Castro. **Arquivos físicos e digitais**. Brasília, DF, Ed. Thesaurus, 2007.
- FONSECA, Maria Odila Kahl. **Arquivologia e Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.
- GONÇALVES, Xico. **A tradição que vem do frio**. São Paulo: 2001.
- GROSSMANN, L. O uso de bases de dados no gerenciamento estratégico empresarial. **São Paulo em perspectivas**, São Paulo, v.8, n.4, p.95-100, out./dez. 1994.
- JARDIM, José Maria. **Sistemas e políticas públicas de arquivos no Brasil**. Niterói: EDUFF, 1995.
- LEITE, Adriana Sampaio; VELOSO, Marta Delgado. **Desenho técnico de roupas femininas**. Rio de Janeiro: SENAC, 2004.
- OLIVEN, Ruben George. **A Parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação**. São Paulo: Ed. Vozes, 1992.
- RONDINELLI, Rosely Curi. **Gerenciamento arquivístico de documentos eletrônicos**. Rio de Janeiro: Ed. FGV. 2005.
- ROUSSEAU, Jean- Yves; COUTURE, Carol. **Os fundamentos da disciplina arquivística**. Lisboa: Dom Quixote, 1998.
- ROWLEY, J. **Informática para bibliotecas**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1994.
- SHERA, J.H.; CLEVELAND, D. B. History and foundations of information society. **Annual Review of Information Society and Technology**. v. 12, p. 249-275, 1977.
- SPOHR, Rui. **Memórias Alinhavadas**. Porto Alegre: Ed. Artes e Ofícios, 1997.
- TEIXEIRA, C.M. de S.; Schiel, U. **A internet e seu impacto nos processos de recuperação da informação**. Ciência da Informação, v.26, n.1, p.65-71, jan/abr. 1997.

VALENTIM, Marta LÍgia Pomim. Bases de dados e a globalização da informação: estudo de formatos eletrônicos e a qualidade de resposta. **Transinformação**. Campinas, v.13, n. 1, jan./jun. 2001.

## OBRAS CONSULTADAS

ARAÚJO JÚNIOR, Rogério Henrique de. **Precisão no processo de busca e recuperação da informação**. Brasília: Ed. Thesaurus, 2007.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

BRANDÃO, Lídia M.B. LUBISCO, Nídia M. L. **Informação & Informática**. Salvador: EDUFBA, 2000.

HEINRICH, Daiane Plestsch. **Modelagem e técnica de interpretação para a confecção industrial**. Novo Hamburgo: Feevale, 2005.

ISO11179 – Specifications and Standardization of Data Elements. 2004.

KOTLER, Philip. **Administração de marketing: análise de planejamento, implementação e controle**. 5. ed. São Paulo: Ed. Atlas, 1998.

KOTLER, Philip. **Administração de marketing: novo milênio**. 10. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2000.

LAYER, James. **A roupa e a moda: uma história concisa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

LOPES, Luis Carlos. **A informação e os arquivos: teorias e práticas**. Niterói: EDUFF; São Carlos: EDUFSCar, 1996.

MARTINS, Petrônio Garcia, LAUGENI, Fernando P. **Administração da produção**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

NAGEL, Rolf (cord.) **Dicionário de termos arquivísticos: subsídios para uma terminologia arquivística brasileira**. Salvador: ZED, 1991.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim (Coord.). **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Ed. Polis, 2002.

## **ANEXO A – FICHA TÉCNICA**

Este exemplo de ficha técnica foi retirado do blog *Ilusionismo fashion*.  
Disponível em: < <http://ilusionismofashion.wordpress.com/>>. Acesso em: 15 nov.  
2011.

### Ficha técnica

Modelo: Vestido	Coleção: Outono/Inverno 2010
Designer: Bruna Romualdo	Modelista: Carolina
Descrição: Vestido gola assimétrica	
Grade: P-M-G	Data: 20/11/2009

#### Insumos Diretos

Tecido	Fornecedor	Consumo	Larg./Rend.	Cor 1	Cor 2
Tafetá	O Rei dos Veludos	2,73m	1,50m	Roxo	---
Supplex	Santa Constância	2,90m	2,30m	Roxo	Laranja

Aviamentos	Fornecedor	Consumo	Cor 1	Cor 2
Entretela	Armarinhos 25	2,00m	Branca	---
Barbatana	Armarinhos 25	1,50m	Branca	---
Zíper invisível	Armarinhos 25	1	Roxo	---





## **ANEXO C – FICHA TÉCNICA JULIANA RODRIGUES**

Este exemplo de ficha técnica foi retirado do blog *Portifólio Juliana*.

Disponível em: <[http://portifoliojuliana.blogspot.com/2010\\_03\\_01\\_archive.html](http://portifoliojuliana.blogspot.com/2010_03_01_archive.html)>.

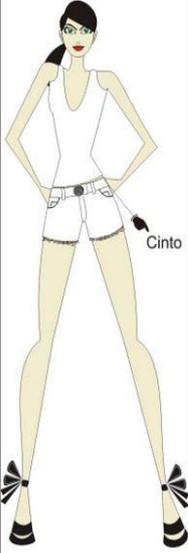
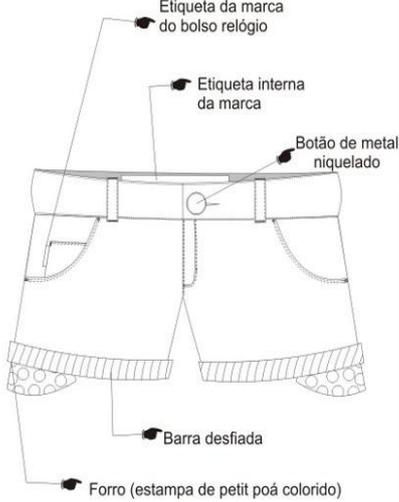
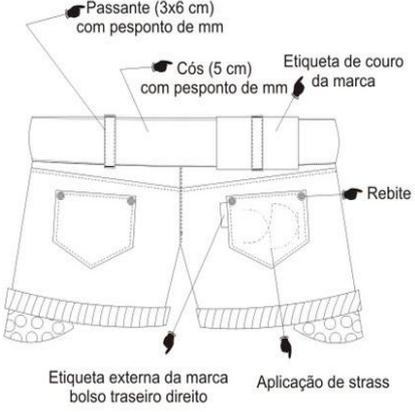
Acesso em: 15 nov. 2011.



# FICHA TÉCNICA



Referência: 001  
 Cliente: Iódice  
 Estilista: Juliana Rodrigues  
 Marca: Stelle  
 Regra Graduação: P-GG

CROQUI	FRENTE	COSTAS
		

## Matéria-Prima

FORNECEDOR	COR	TIPO	COMPOSIÇÃO	TAM.	UNIDADE
China's Fios		Strass			
Sancris	2881	Linha	100% PES		Cone

## Tecidos

Ref. Tecido	Fornecedor	Tipo	Composição	Comprimento	Largura
JDE001	Tavex	Tecido	80% poliamida 20% elastano	50,00	150,00

## APÊNDICE – QUADRO DEMOSTRATIVO FICHAS TÉCNICAS

### QUADRO DEMOSTRATIVO DE DUBLIN CORE: FICHAS TÉCNICAS

Nome do Elemento	Origem	Descrição	Regras para codificação do valor - valores possíveis - formato	Outras Restrições- Obrigatoriedade - Aceita vários valores - Só é aplicado a um determinado tipo
dc.title	dc.title	Nome de apresentação da peça	Vestido, saia, blazer, blusa, casaco, calça, casaqueto	Obrigatório
dc.creator.fabricante	dc.creator	Fabricante, fornecedor, terceirizado	Formato; Ex: Sulfabril	Repetido
dc.publisher	dc.publisher	Marca/grife da peça	Formato; Ex: Rui Spohr	Repetido
dc.contributor.designer	dc.contributor	Estilista, desenhista, assistente, modelista, costureira.	formato: NOME, Sobrenome de quem criou, modificou ou está trabalhando na peça	Repetido
dc.type	dc.type	Tipo da peça	Valores possíveis: Ex: vestido de seda	Não repetido
dc.format.estilo	dc.format	Forma/ estilo da peça	Formato: Ex: longo com franjas	Repetido
dc.format.tamanho	dc.format	Tamanho da peça	Valores possíveis: 34,35,36,37,38,39,40	Não repetido
dc.format.modelo	dc.format	Modelo da peça	Valores possíveis: Ex: Ver croqui	Não repetido
dc.format.cor	dc.format	Cor da peça	Valores possíveis: Azul, amarelo, branco, preto, rosa, vermelho, roxo, marrom, cinza,	Não repetido
dc.format.adereços	dc.format	Adereços	Valores possíveis: Fivela de metal, flor, strass, fita, botão	Não repetido
dc.format.material	dc.format	Material de confecção da peça	Formato: Ex: seda, veludo, brocado, cetim, ...	Não repetido
dc.data.lançamento	dc.data	Data do lançamento da peça	formato: AAAA-MM-DD	
dc.coverage.local	dc.coverage	Data de início e entrega da peça	formato: Ex: Início ( 23/02/11 -- 04/04/11)	